

ARTES E HUMANIDADES

ARTES E HUMANIDADES

As faunas miudinhas de Javier Tomeo e Juan José Millás: Formigas, Moscas e Homens escritores numa relação de amor/ódio

Almerinda Maria do Rosário Pereira

Universidade de Évora (Programa de Doutoramento em Literatura)

almerindaportugal@gmail.com

Resumo

Ao longo deste artigo traçamos a trajetória do inseto, nomeadamente a formiga e a mosca, nos contos dos espanhóis Javier Tomeo (1932) e Juan José Millás (1946), procurando descortinar marcas de amor e ódio na relação que a personagem estabelece com o escritor. Através destas gentes miudinhas, acompanharemos algumas das preocupações deste último que contemplam um questionamento sobre o lugar do homem no universo, sobre a massa de que é feito e sobre a atividade do escritor que, sentado frente ao computador ou no sofá das suas leituras, é surpreendido, mas também perturbado, pelas mais mágicas visitas.

Palavras-chave: Inseto, homem, escala, amor, ódio.

Abstract

The tiny faunas of Javier Tome and Juan José Millás: Ants, Flies and Men writers in a love/hat relationship.

Along this article we trace an insect path, namely the ant and the fly, in the Spanish stories of Javier Tomeo (1932) and Juan José Millás (1946), trying to uncover marks of love and hate in the relation that the character establishes with the writer. Through these tiny people, we will keep up with some of writer's concerns, that question about the place of the man in the universe, about the mass that it is made of, and about the activity of the writer that, sitting in front of the computer or in his reading couch, is being surprised, but also disturbed, by the most magical visits.

Key-words: Insect, man, scale, love, hate.

Introdução

E se a mosca que pousa no ecrã do computador, e segue com o abdómen o cursor, fosse a responsável pelo aparecimento da coluna jornalística, as duas irmanadas na mesma caducidade, na mesma estrutura de artrópode? E se as formigas, que se fazem passar pelo abecedário, assinaram um acordo com ele, o preguiçoso, numa espécie de caligrafia formicular? E se os insetos, no geral, fossem tal como os caracteres do teclado do computador, os que abrem túneis e galerias subterrâneas na consciência das pessoas e no disco duro das coisas? E se para se começar o edifício das obras grandes fosse necessário recuar (ou avançar?) até a um estado puro de pequenez microscópica? E se entre o ódio e o amor houvesse um trilho de sentido único só acessível aos audazes que se entregam de corpo e alma ao labor criativo?

Sobre estas indagações se debruça, com alguma frequência, o escritor Juan José Millás (Valência, 1946), um dos grandes nomes da narrativa breve contemporânea espanhola. Os seus contos, com os contornos da crónica, foram sendo agrupados em coletâneas, sendo a mais recente, *Articuentos Completos* (2011), a que nos serve de base a este breve estudo. A sua obra, assente no conto, mas também no romance, recebeu vários prémios literários: o Prémio Sésamo (1975), o Prémio Nadal (1990), o Prémio Primavera de Novela (2002) e ainda mais três, entre os quais o prestigiado prémio Planeta, por um romance publicado em 2007, *El Mundo*, sobejamente conhecido dos leitores portugueses. A estas formas de reconhecimento, somam-se os galardões que recebeu, sobretudo na última década, pela obra jornalística: é cronista regular no *El País*.

A este olhar peculiar sobre a realidade insetívora, junta-se o de outro escritor que, pertencendo a uma geração anterior à de Millás comparece no título deste artigo, numa espécie de reverência pelo sénior cansado que se equipara ao caracolⁱ e que ao longo de cinquenta anos soube criar uma voz própria no imaginário literário espanhol. Javier Tomeo (Quicena, Huesca, 1932), também galardoado, conjuga, igualmente, a escrita literária com a jornalística, tendo a sua obra sido dada a conhecer na Europa pelas suas adaptações ao teatro. Com *Amado Monstruo* (1985) conhece os palcos de Paris e de Berlim. A peça, de rasgos kafkianos, não deixou de ser levada à cena também no nosso país. É, no entanto, a sua mais recente coletânea de contos, *Cuentos Completos* (2012), que servirá de base às nossas indagações.

Sigamos, pois, ambos os escritores na senda do inseto, em especial aquele que se lança na esfera doméstica do humano, com a atitude invasora disfarçada pelo gesto familiar: a mosca e a formiga.

Elogio das formigas e das moscas – notas elementares de biologia

Começemos por descrever os nossos protagonistas com notas à margem de qualquer valor literário, retiradas do universo da biologia. Antes, porém, relembremos as palavras do próprio Millás, prontas a dar-nos o mote para o ponto a que neste momento damos tratamento:

El insecto es un animal muy misterioso por su perfección, por su funcionalidad (...). En él, nada sobra ni nada falta. Y además es perfecto desde hace millones de años. Es decir, lo que diferencia un mamífero de un insecto es que nosotros estamos en continua evolución, por eso somos imperfectos.ⁱⁱ

À ideia de perfeição a que alude Millás, poderemos, pois, acrescentar uma breve lista de tópicos que qualquer consulta de páginas de biologia nos faculta. Em primeiro lugar, saliente-se o facto de a classe dos insetos ser a mais vasta do reino animal e apresentar uma grande variedade de espécies (as catalogadas atingem quase o valor de um milhão). Essa diversidade deve-se ao tamanho reduzido dos insetos que, deste modo, encontram com mais facilidade um habitat. Em segundo lugar, dada a heterogeneidade destes habitats, a necessidade de um reconhecimento da sua diversidade desenvolve no inseto capacidades que o tornam mais “desperto” quando comparado com outras classes.

Aproximemo-nos em particular das formigas, valendo-nos da visão dos escritores em apreço, amplamente ancorada nessa realidade objetiva, biológica, aparentemente desprovida de grandes lirismosⁱⁱⁱ. Com Javier Tomeo, a narrativa de primeira pessoa ganha certa aura de fábula de Esopo. Em “La hormiga rosa”, é-nos dado a conhecer o seu papel como criatura consagrada a um labor sem pausas, enquanto que em “Las hormigas negras”, lhe conhecemos a sua faceta de guerreira, de lutadora, como no-lo indicam respetivamente os seguintes fragmentos:

Todas mis preocupaciones se centran en esa especie de montículo redondo que estuviste a punto de aplastar con tu bota. Fíjate bien, lo construimos con todos los objetos que encontramos a mano: hojas secas, piedrecitas, pedacitos de madera, pajas, etcétera. (2012: 64)

A las hormigas negras, por el contrario, no nos falta oportunidad de luchar. De hecho, vivimos en perpetuo estado de guerra. Frente a nosotras, las hormigas negras, aparecen las hormigas rojas haciendo sonar sus timbales. (2012: 71)

Em “Verano 3”, de Millás, temos acesso a outras virtudes das formigas quando o autor se refere a elas como sobreviventes e nos dá conta da sua perfeita organização social:

Era la hora de la siesta y, de súbito, en medio del calor, sucedió una explosión universal a la que sólo sobrevivimos el hormiguero del jardín y yo. Pasados los primeros instantes de terror, y una vez resignado a la catástrofe, consumía el tiempo sentado en una piedra, observando las costumbres de las hormigas con la pena de no haber leído más atentamente los mimecólogos de la época, cuando aún había hombres y libros sobre la superficie de la Tierra. De vez en cuando, alargaba la mano, tomaba un puñado de insectos y me los metía en la boca para aliviar las acometidas del hambre. La red formada por los pequeños seres se recomponía con una rapidez prodigiosa, en un proceso de cicatrización acelerado. Recibía todo lo que necesitaba, pues, instrucción y alimento, de las hormigas, que me enseñaron, entre otras cosas, la importancia de la rutina en la lucha contra el pánico. (2011: 14-15)

A alusão à capacidade comunicativa das formigas é indiciada, ainda que simbolicamente, no conto “Letras”, quando o autor se refere à sua insistência em se apresentarem no teclado do computador.

Si permanezco inactivo más de diez minutos, víctima del desaliento o la pereza, salen en grupo de entre las teclas señaladas y parecen una hemorragia de letras. (...) Pero, ayer mismo, un artículo de treinta líneas se desmoronó ante mis ojos cuando me disponía a repasarlo. Y es que no estaba hecho de letras, sino de hormigas que se asustaron por los movimientos del cursor. (2011: 404)

Pela sua progressiva aproximação a um âmbito que se eleva do meramente referencial, estes excertos voltarão a merecer a nossa atenção aquando da formulação de especulações às quais tentaremos dar resposta. Quanto às formigas, está traçado o seu perfil naquilo que têm de essencial. Operárias, guerreiras, armazenistas, elas são também arquitetas de uma realidade subterrânea e criadoras de uma linguagem apoiada em sinais químicos e pistas odoríficas. Sabemo-lo talvez desde sempre, como se a infância nos tivesse dado essa sapiência inata das coisas miudinhas, ainda que nunca tenhamos ousado sentir o sabor ácido de um corpo formicular entre os lábios. Do seu papel ecológico, sabe-se que são essenciais ao equilíbrio dos ecossistemas terrestres, pela sua capacidade de removerem e “arejarem” grandes quantidades de terra.

Por outro lado, e dotadas de uma missão não menos dignificante, as moscas, ao estarem na base da cadeia alimentar, contribuem igualmente ao bom funcionamento dos ecossistemas, e a sua participação em experiências relacionadas com estudos genéticos não é fator a negligenciar. Vejamos como elas se formam através do conto “La mosca cabezuda”, de Tomeo, e de “La mosca”, de Millás, respetivamente:

Antes de que yo naciese, mi madre persiguió al abejorro en pleno vuelo y depositó sobre su cuerpo el huevo del que procedo. Una vez convertido en larva, me las ingenié para penetrar en el cuerpo de aquel estúpido. Durante algún tiempo viví cerca de su conducto digestivo, alimentándome con su sangre. Día a día, el abejorro fue debilitándose y acabó muriendo. Sonó, entonces la era de mi liberación. (2012: 32)

A mí me acaloraba mucho la palabra metamorfosis, pero lo que me ponía al borde de la parada respiratoria era el recitado de ese proceso que atraviesan las moscas: huevo, larva, pupa e imago alada. (2011:107)

Em “Biografia de uma mosca”^{iv}, o olhar de Millás já não é o da criança imaginativa, pobre, que se excita com qualquer novidade e que tem inveja das sugestões eróticas que pode causar no amigo a visão de uma Sininho de Peter Pan, essa fada de James Matthew Barrie que é a fusão da menina com o inseto; encontramos, sim, um Millás adulto, curioso, ávido do conhecimento científico e que procura os especialistas certos para uma lição de biologia. Num registo por vezes a lembrar o de um relatório de laboratório, mas cotejado com uma sensibilidade que lhe é própria, o autor empenha-se em dar-nos uma visão detalhada de todo o processo de transformação da mosca:

Observé atentamente el huevo (...). Se trataba de un óvalo blanco con dos espiráculos que, situados a modo de periscopios en uno de sus extremos, tomaban el oxígeno del aire.(...) Desde la puesta, se produce el desarrollo embrionario, cuyo proceso, observado al microscopio, resulta espectacular por la velocidad a la que se divide el núcleo. A las 22.00 sale una larva de primer estadio que dura 24 horas. La larva, semitransparente, es bellísima, parece una lágrima viva. Como no tiene otra función que la de comer, posee dos mandíbulas muy desarrolladas que devoran sin descanso el paisaje. Por lo demás, y dado su destino, sólo posee aparato digestivo y respiratorio. Su crecimiento es tan rápido que a las 24 horas de salir del huevo tiene que cambiar de camisa. Aparece entonces la larva de segundo estadio, que dura 24 horas más y da lugar a la de tercer estadio, que vive otro tanto. Llegado ese momento, la larva busca un lugar seco (se retira a meditar, como el que dice), donde su camisa se endurece, convirtiéndose en una suerte de capullo de color caramelo, semitransparente. A partir de este instante los tejidos larvarios se degradan y la mosca, tras cuatro días de meditación, se convierte en un insecto adulto.

A metamorfose, tanto da mosca como da formiga, traz a ideia de uma revelação que remetemos, uma vez mais, para as páginas que se seguem.

Do que ficou dito neste (segundo) preâmbulo, parece-nos claro que qualidades não faltam a estes dois insetos, aqui descritos do ponto de vista de uma biologia elementar; mas até que ponto serão seres tão transparentes e neutros que não possam trazer, à página branca dos grandes monstros literários que são Tomeo e Millás, um pouco da “épaisseur” a que se referia Roland Barthes, em *Le Degré Zero de l'écriture*? Até que ponto não serão eles personagens bafejadas pelo mistério da literariedade?

Uma questão de escala – notas elementares sobre o amor

Com “Biografia de una mosca”, Millás parece recuperar a lição da relatividade que escritos como os de Jonathan Swift ou Voltaire tão bem souberam expor em pleno século XVIII^v. A observação em laboratório da vida de uma mosca, Catalina, e do seu parceiro, Prudêncio (Pruden), torna-se ocasião para uma série de reflexões sobre a própria existência humana e sobre o lugar dessa mesma existência no universo plural. O ciclo de inferências que o escritor vai fazendo até chegar à pergunta “¿Seremos Marte nosotros para alguien?” começa com a constatação de que entre a vida das moscas e a dos homens há um grande número de similitudes, como se a vida curta da mosca fosse uma réplica da de uma existência humana. O paralelo de Millás tem, a nosso ver, certa dose de originalidade na medida em que procura entre uma e outra realidade, não as diferenças (e estas são visíveis à simples vista) mas as semelhanças. Mais: ele acredita que há uma parte de mosca nele, assim como há também uma parte de mosca nos seus pais, como no-lo refere nos seguintes fragmentos de “Biografia de una mosca” e “Mosca española”:

Llevaba una especie de diario de Catalina (...), de modo que al contar su vida relataba inevitablemente, y en lo que tengo de mosca (un 60%, dicen), parte de la mía. Recordé cuando yo mismo era capaz de correr incansablemente todo el día, cuando me subía a los árboles, cuando volaba con la imaginación, cuando descubrí el sexo, cuando lo redescubrí, cuando fui aceptado, cuando fui rechazado, cuando llegaron los primeros dolores de espalda, las primeras goteras.

Una noche, de pequeño, soñé que mis padres eran moscas, y todavía no se me ha ido de la cabeza la extraña sensación corporal con la que volé de la cama. No dije nada porque mis progenitores estaban convencidos de ser seres humanos y no era cuestión de darles más disgustos de los que ya les había proporcionado mi nacimiento. Ahora bien, para decirlo todo, creo que éramos moscas españolas, por el bigote de mi padre y la mantilla de mi madre. (2011: 396)

Este transporte passivo, mágico, do inseto ao ser humano, e em particular ao ser humano Juan José Millás, esta estranha osmose, é suplantada em originalidade quando o escritor apresenta a sua teoria da afetividade e das massas corporais. Antes de a abordarmos, prossigamos porém com o paralelo homem/mosca que está no início destas questões.

Em primeiro lugar, somos dotados de um mesmo mecanismo baseado no caráter bilateral do organismo (que se dispõe numa coerência direito/esquerdo, dorso/ventre, anterior/posterior) e no desempenho das mesmas funções fisiológicas. Sendo essa evidência verificável nos restantes animais, seria, provavelmente, mais tentador observar um que compartilhasse connosco a mesma escala, no entanto, Millás lança-nos o desafio de modificar a nossa “mirada”, de lutar contra o que nos mostra a nossa percepção^{vi}. Em segundo lugar, temos em relação à mosca o mesmo mecanismo de envelhecimento. E o que é válido nesta degradação natural é também válido na degradação trazida pela doença. Com efeito, a ação da célula patológica tem sobre as outras um efeito devastador uma vez que se separa do grupo a que pertence para colonizar a zona saudável do organismo. Esta descoberta é um grande logro dos cientistas que, deste modo, tentam imobilizar a sua ação nefasta no ser humano. Em terceiro lugar e por mais anedótico que nos pareçam estes detalhes, o macho é mais ocioso, mais dado ao exercício da corte e costuma morrer primeiro, enquanto a fêmea, no final da vida, tende a desleixar-se e a descurar hábitos de higiene.

Ora, a consciência destas semelhanças (que não se tratam de um mero símile literário) fazem com que Millás se projete na existência das moscas como se a vida humana, de repente, se reduzisse à escala do inseto, por via de operações matemáticas simples, e a realidade do inseto passasse a ser passível de se exprimir numa semântica própria do humano. É nesta comunhão que se declaram os afetos do autor-narrador, um género de amor nascente, que aliam a ternura ao humor em expressões como “se me rompe el corazón” e desabafos desta natureza:

Yo iba cada poco al laboratorio, para ver cómo se desarrollaba Catalina. Si no me era posible ir, telefoneaba a Manolo Calleja, que me ponía al tanto de los progresos existenciales de Catalina y Pruden. Las moscas estaban bien, siempre estaban bien, pero yo las echaba de menos (a Catalina especialmente).

Le digo que Catalina y Pruden han envejecido. Le enumero los síntomas y le parecen normales. "A partir de ahora", me dice, "perderán motilidad y observarás un deterioro claro. Quizá se les quiebren las alas". Manolo Calleja habla sin darse cuenta del daño que me hace.

Ha muerto Pruden. (...) Pereció con naturalidad, sin muchos aspavientos. (...) Luego introduce un pedazo de manzana en el cilindro. La manzana, pensé, podría restituir los niveles de humedad al tiempo de animar a Catalina, que en apariencia se encuentra bien. (...) He telefonado a Manolo Calleja y me ha dado el pésame (por Pruden).

O humor atinge a sua expressão máxima quando Millás recupera os seus pensamentos eróticos da infância em relação à metamorfose da mosca. Desta vez, não é a Sininho imortalizada por Walt Disney que é chamada à narrativa, mas as figuras de Ingrid Bergman e a de Kate Moss, sensualidades de épocas diferentes, um género de avó e neta, simples questão de escala. Quando a mosca, na sua fase de pupa, sai do casulo para se transformar em inseto adulto ela é a modelo britânica despindo uma combinação de nylon justinha ao corpo. Nisto reside o verdadeiro milagre da natureza que Millás lamenta não ser anunciado com a música de violinos. Não se trata já do amor erotizado, corpóreo, mas de um amor, na nossa perspetiva, próximo do divino, a que a expressão “fue un momento glorioso” parece dar ênfase. Glorioso o momento, glorioso o corpo porque ele é que se transforma numa nova realidade abençoada por uma espécie de psicose daquele que o contempla. Mas o êxtase de Millás dissipa-se com um retorno à sua escala e a uma série de interrogações:

La desaparición de Catalina ha provocado en mí, si no tristeza, cierta perplejidad. Tenía que fallecer, desde luego, y por estas fechas, pero la vida sin ella está más vacía. Sin exagerar, claro, pues no hay dolor, no hay duelo, no hay sufrimiento. De hecho, he tratado de imaginar qué efecto habría producido esta muerte en mí si Catalina hubiera tenido el tamaño de un perro, incluso de un perro pequeño. Hay una relación increíble entre la masa somática y la energía sentimental. Una masa pequeña produce sentimientos pequeños. ¿Dónde se encuentra la frontera en la que desaparece la empatía? La mosca, sin duda, es una de esas fronteras. La mosca es una vida llevada al límite. La mosca es Marte. ¿Seremos Marte nosotros para alguien?

O anúncio da relação entre a massa somática e a energia sentimental contraria uma série de frases feitas do senso comum sobre a inexistência de conexões entre o tamanho dos corpos e a intensidade do amor, mas quantos de nós seríamos capazes de amar uma mosca ou sequer lamentar

a sua morte, como quem lamenta a de um cão de estimação? A questão da insignificância das moscas revela-nos uma preocupação maior, conscientes que estamos da importância das escalas e da deficiente percepção que temos delas: seremos moscas para outras criaturas?

Ainda uma questão de escala – notas elementares sobre o ódio

O problema do desajuste entre escalas parece-nos ser acima de tudo um problema de percepção, e Millás não se coíbe em nos fazer duvidar das nossas capacidades, chamando-nos a atenção para o perigo de menosprezarmos as competências perceptivas das moscas. Quando as vemos no exercício da sua inteligência, elas oferecem-se-nos como verdadeiros inimigos que debalde tentamos eliminar. Com Tomeo, em “La mosca estival”^{vii}, a mosca chega mesmo a burlar a inteligência dos homens.

A história é simples: numa noite de verão de altíssimas temperaturas, o escritor tenta concentrar-se na leitura, mas não consegue por causa de uma mosca perturbadora. Um desconhecido que terá dificuldades em adormecer por causa do calor liga-lhe^{viii}, e ambos falam da mosca em questão e da possível relação de moscas similares com o eclodir de grandes revoluções, como a Revolução Francesa, que ocorrera em plena canícula. O estranho desliga sem se apresentar, e o escritor vê-se sem coragem para encetar uma nova tentativa de esmagamento da mosca que, agora pousa sobre o livro, temendo que ela só se vá embora quando voltar o frio.

O paralelo entre a erudição alemã ostentada no título dos livros e a impotência do homem face à mosca coloca em relevo a dimensão ridícula do bípede face ao díptero. Como se não bastasse a ilustração germânica, os títulos dos livros anunciam o mergulho no universo por vezes hermético da psicologia. De momento, trata-se de uma leitura inacessível ao escritor que goza de vastos conhecimentos sobre a psicologia criminal e a delinquência^{ix}, mas não à mosca que, seja por se apropriar do livro com as suas patas, seja por atormentar o escritor até ao seu âmago, consegue chegar a um género de terreno submerso e proibido. A ironia é, de facto, interessante se lembrarmos o nosso parágrafo introdutório onde aludimos aos túneis escavados pelos insetos como se se tratassem de túneis do inconsciente. A comparação é repetida por Millás em “Subcolumna”:

Me estremezco al imaginar una mosca suboscura. El prefijo sub proporciona a las palabras una suerte de prestigio inverso, un toque demoníaco, un semblante aciago. Ahí están suburbano, subteniente, subsuelo, subdirector (...), subconsciente... ¡Dios mío, subconsciente! Se me ocurre de súbito que el hábitat natural de la mosca suboscura sea el subconsciente, tan rico en materiales en descomposición. (2011: 249)

Em “El Moscardón”^x, essa destituição do ser humano do seu lugar é ainda mais evidente quando a mosca (o moscardo) que observa a mulher sentada no sofá, acaba por matar o marido que está a seu lado, ocupando-lhe o lugar (o “sillón”) no dia seguinte. A morte do homem é o desfecho inesperado de um ciclo de ações sucessivas onde o inseto que persegue a mulher na sua rotina é orientador do caminho a seguir e portador de boa sorte. Os avisos, porém, que imaginamos precipitarem-se vertiginosamente à maneira de um Rimski-Kórsakov^{xi}, resultam num acontecimento trágico, responsável pela viuvez da mulher, ao contrário do que seria de esperar^{xii}. Estamos perante o rapto de uma Helena pelo díptero. Se a consciência de um certo grau de consanguinidade entre o homem e a mosca, no ponto anterior, promovia a compaixão e abria o véu de um certo romantismo^{xiii} (e com ele o desenhar de um amor sexual interferindo com um amor paternal ou um amor de dono, de tutor), neste momento, não há como evitar-se a abertura do véu de uma certa guerra: é o ódio anunciado.

Com ela, a guerra, voltemos ao universo das formigas, aquelas que alguém questionou se não seriam já os marcianos instalados na terra^{xiv}. Demoremo-nos um pouco sobre as formigas mais guerreiras de Tomeo, através do conto “Las hormigas negras”:

Ellas [las hormigas rojas] son siempre las agresoras pero no actúan nunca a tontas y a locas. Antes de lanzarse contra nuestro hormiguero envían a sus exploradores para que reconozcan el terreno. (...) Pese a todo, resultaremos vencidas, lo sabemos de antemano. Las hormigas rojas se llevarán entonces a su madriguera todos los huevos, larvas y ninfas que encuentren en nuestro nido. De esta forma, se asegurarán un futuro ejército de esclavas. (2012: 71)

É inevitável, neste momento, o cotejo com o poema “Soyez Polis”, de Jacques Prévert (1900-1977), em que se narra a necessidade imperiosa de se ser educado com o sol, a terra e a lua, enfim, com todo o cosmos, gentes incluídas, porque, caso contrário, um exército de formigas vermelhas vem morder-nos os pés durante a noite:

Il faut que tout le monde soit poli avec le monde ou alors il y a des guerres...

Des épidémies, des tremblements de terre, des paquets de mort, des coups de fusil...

Et de grosses méchantes fourmis rouges qui viennent vous dévorer les pieds pendant qu'on dort la nuit.^{xv}

Por odiosas que sejam as formigas vermelhas, elas são, contudo, fundamentais, não porque sirvam de papão ao adulto que não ama a natureza, mas porque há nas formigas negras uma voluntariedade para a escravidão que as liberta do peso da responsabilidade de se saberem livres. Condenação e liberdade juntam-se, na lição de Tomeo, como numa máxima sartriana: estamos condenados a ser livres. Não fomos os responsáveis pelo nosso nascimento, mas somos os responsáveis pela tomada de decisões que irão condicionar a nossa existência e a dos outros. A formiga negra seja a de Tomeo, seja a que nos entra em casa com uma folha de árvore morta às costas, prefere o sossego de não ter de pensar em grandes voos, desde que tenha assegurado o que lhe garanta a sobrevivência^{xvi}. A formiga escrava só é escrava porque existe uma tirana. Através desta dicotomia (ou falsa dicotomia?) voltamos à ideia de que “as coisas” são o que são em função da existência das outras. O gigante de Saturno só é anão porque conheceu um gigante bem maior do que ele vindo da estrela Sirius^{xvii}. Esta relatividade lança-nos de novo para a questão das escalas. Com ela, visitemos um dos diálogos homem/formiga de Tomeo, “La hormiga (Y 2)”, onde está clara a necessidade, transversal ao homem de todos os tempos, de humilhar os outros, os mais pequenos:

- ¿Otra vez, mi querido y apolíneo Serafín, vuelves a echarme en cara mi pequeñez? – protesta la hormiga –. ¿Acaso vas a estar atormentándome durante toda la vida por algo de lo que, en justicia, nadie puede acusarme? ¿Qué culpa tengo yo de haber nacido pequeña? (2012: 403)

Perante a insistência de Serafím na sua tarefa de humilhar a formiga, esta recorre a uma série de argumentos tangendo a ameaça, socorrendo-se também de autoridades do mundo helénico, do iluminismo francês e do Corão. É uma formiga diferente das outras, que volta a surpreender pela sua erudição^{xviii}. Porém, a sua firmeza vista à lupa mais não é do que um sentido choro que comove Serafím e lhe revela uma grande verdade:

- Tienes razón – gimotea mientras yo busco una excusa que justifique mis groserías –. No tengo más remedio que reconocer que soy un ser minúsculo. Pero te diré, Serafín, que tu haces bueno aquel pensamiento de La Fontaine, cuando afirmaba que a menudo necesitamos de alguien que sea más pequeño que nosotros. Por eso me necesitan los hombres como tu. (2012: 404)

Acabámos de percorrer um trilho aberto segundo a seguinte sequência: a) identificação com; b) amor; c) quebra da identificação; d) impossibilidade do amor; e) ódio. Entre as duas paixões cartesianas primitivas, empreendemos uma quase impossível viagem sumária entre escalas, mostrando através das faunas miudinhas de Tomeo e Millás que a co-habitabilidade do homem – e neste caso o homem escritor – com o inseto mosca e o inseto formiga está longe de ser pacífica. Veremos como a rivalidade no exercício da escrita pode apontar para uma nova possibilidade de identificação.

Letras em estado terminal – notas elementares sobre a linguagem

O escritor que vimos apiedar-se de Catalina, por esta ter a esperança de vida de apenas um mês, é o mesmo que em “Las Moscas”^{xix} se tranquiliza com isso; ignoramos se por egoísmo, se por um resto de compaixão por aquela que leva, segundo as suas palavras, “una existencia de mierda”. A mosca apodera-se do ecrã do computador, com o seu ventre pesado seguindo o cursor, e o escritor vê nisso uma emergência de quem está à beira da morte e quer contar a sua vida. É ela a responsável pela coluna que se vai escrevendo. Finalmente, expira, e o escritor fecha sobre o fêretro minúsculo o computador, como quem fecha um caixão.

Continuamos sem saber se o gesto é o do respeito fúnebre, o mesmo que se tem ao fechar os olhos abertos de um pai morto^{xx}, ou se o da pequena vingança do rival. A frase com que Millás fecha o texto é enigmática por repetir o título da famosa obra de Françoise Sagan, de 1954. “Buenos días, tristeza” pode efetivamente ser uma declaração de compaixão por essa mosca, qual uma mulher acidentada numa sinuosa estrada da Côte d’Azur, ou pode ainda ser uma forma de compaixão do escritor por si mesmo, por ter a certeza que a mosca ao menos teve como urna o computador, ao passo que ele não terá a mesma fortuna.

Desaparecido o inseto, fica a palavra, mas esta torna-se mais incómoda do que a própria mosca. Em “La plaga”, comporta-se da seguinte maneira:

La palabra mosca se posaba también en la encimera de la cocina, cerca de los alimentos, y en la frente de los enfermos. Acudía a los cadáveres con una diligencia sorprendente, donde depositaba sus larvas. Y sólo se podía eliminar por medios mecánicos, pues los químicos no le afectaban. (Millás, 2011: 447)

O incómodo chega a ser tal que o escritor sente a palavra “formigueiro” a subir-lhe pelas pernas em itálico e em tamanho 8. Noutras ocasiões (em “Letras”), as formigas são textos de trinta linhas que se desmoronam e que obrigam o escritor a reelaborar a sua composição. O terreno da escrita parece ser realmente o campo de batalha das rivalidades entre a entidade humana e a insetívora. É um ódio que leva à morte. Mas também as formigas depois de mortas, tal como as moscas, ganham vida através da palavra, ou melhor, da letra. Em, “Las hormigas”, Millás associa o inseto morto à letra enquanto mancha gráfica, e depressa transfere a atividade do pensamento de si mesmo para um objeto do âmbito do inanimado:

Mis letras, sobre papel, parecían hormigas que se agrupaban en torno a un significado para formar palabras. Cuando revisto aquellos manuscritos llenos de hormigas muertas – de palabras tachadas – todavía reconozco en ellos el pensamiento del bolígrafo con el que los escribí. (2011: 462)

He buscado en mi procesador de texto algún tipo de letra que me recuerde a las hormigas del bolígrafo, pero no hay nada parecido. De manera que no sé ni como escribo (2011: 463)

A letra, a palavra e o texto são cada vez menos o escritor para passar a ser, sucessivamente, o inseto vivo, o inseto morto e o objeto capaz de forjar a aparência do inseto morto. Através desta gradação decrescente (a degradação?) chegamos ao signo último que é também aquele no qual se funda a linguagem, mas cuja memória eliminámos: “la caca”. Em “Caligrafia”, depois de explicar a forma como os cães comunicam através dos seus excrementos, Millás elucida-nos de modo interessante quanto à correlação entre as fezes e a linguagem:

Pero es que usted y yo también tuvimos una etapa en la que considerábamos preciosos los productos del ano: las heces fueron el primer regalo que hicimos a mamá y la única diversión conocida hasta que nos enseñaron los juegos de palabras. Previamente, el barro y la plastilina habían actuado de puente entre las deyecciones que expulsábamos por el recto y el abecedario que luego, como por arte de magia, nos brotó de la boca. (2011: 403)

A viagem da linguagem, segundo ele, é pois uma viagem que vai dos intestinos à traqueia, do ânus à boca, que é, noutra escala, uma viagem da pré-história à época contemporânea; e a grande questão coloca-se (tal como se colocou noutra ocasião outra familiar): se estamos na idade da boca, se vamos ainda para algum lado, que vida haverá para além dos lábios?

Não se adivinha nenhuma resposta para esta questão, tal como também ainda não sabemos se somos Marte para alguém, mas a clareza com que Millás aborda o tema do dejetivo e da linguagem convida a uma procura do fecal, como se tivéssemos em nós um Artaud sedento de “amigdalizar o seu cocó”^{xxi}. Em “La caca”, esta busca é iniciada quando o narrador-autor recebe uma revelação que qualifica de arrebatamento místico-escatológico:

(...) me revelaron que el sentido de la vida del hombre era la producción de caca. (...) Por lo visto hemos sido creados, al igual que el resto de los animales, para producir aquello que tomamos equivocadamente por un residuo; el residuo somos nosotros. (...) Los dioses no nos quieren, pues, por nuestra alma, sino por nuestros excrementos, que alimentan y dan lustre al mundo vegetal. El mundo vegetal, a la chita callando, resulta que es el rey de la creación (...). (2011: 137)

Ora, é neste ciclo que se inscreve a atividade vital do inseto: a mosca alimenta-se, entre outras coisas, de fezes e de material humano e vegetal em decomposição; as formigas, de fungos. Ambas estão a um passo de avanço nesta procura do fecal e fazem parte do mundo vegetal a que alude Millás. Elas movem-se nessa linguagem portadora da ideia de renovação pelo húmus, renovação que é criação. A larva depositada no cadáver que fede é a mesma que inicia a vida, que a repete. E esta é, segundo o escritor, colateral ao processo de escrita. Vejamos o que nos diz na já citada “Biografia de una mosca”:

El empeño de Catalina en poner huevos, en reproducirse fuera de sí, idéntica a sí misma, era el mismo que ponía yo en colocar una palabra detrás de la otra sobre la hoja en blanco. Cada palabra era un huevecillo.

Em “El hombre hormiga”^{xxii}, de Tomeo, o homem que se transforma voluntariamente numa pequenez microscópica e decide escrever à sua mãe a partir da sua condição de formiga, não encontra meio de o fazer porque não tem pluma nem papel, e mesmo que tivesse não conseguiria segurá-los. E ainda que tal fosse possível, não saberia como escrever à maneira dos homens, visto que perdera qualquer memória do humano. Em vez disso, o seu odor adaptou-se ao do formigueiro, podendo ter uma vida social plena e feliz. Voltamos assim à morte da letra (não à morte da linguagem) e ao regresso à terra, ao chão, à lama que convive paredes-meias com o excrementício. Estamos na mira do proibido, tão largamente pensado ao longo de todo o século XX. Com ele, encontramos Georges Bataille, sempre atual, dizendo-nos que a comunicação maior só se pode fazer sob uma condição: que recorramos à violação do proibido. Em Tomeo e Millás, a nossa parte maldita levanta as antenas e esfrega os olhos com as patas, para mostrar ao escritor que entre o “eu” e o “outro” (ou o “não-eu”) há uma matéria pegajosa que os une e que é indispensável à catarse que a escrita proporciona.

Brevíssima nota conclusiva

Aproveitando a presença de Bataille, rematemos a nossa incursão pela relação de amor e ódio entre o escritor e o inseto e procuremos ver nela possibilidade de reconciliação: “ora o homem sacrifica o animal, ora o animal sacrifica o homem, mas trata-se sempre de automutilação porque o animal e o homem formam um único ser.”^{xxiii} E esse único ser pode ser o homem formiga de Tomeo que procura através de uma existência apenas visível por microscópio viver a vida plenamente; pode ser uma Kate Moss livrando-se da sua sensual combinação de nylon; pode ser o escritor, Homo Tomeo ou Homo Millás; pode ser o leitor; ou podemos ser nós, as asitas zumbindo baixinho sob o som de um qualquer violino.

Referências bibliográficas:

- BATAILLE, Georges (1957). *La littérature et le mal*. Paris: Editions Gallimard.
- _____, Georges (2007). *O Ânus Solar* (A. Fernandes, Trad.). Lisboa : Assírio & Alvim. (Obra originalmente publicada em 1931).
- GÓMEZ DE LA SERNA, Ramón (1998). *Greguerías de Ramón Gómez de la Serna* (Sel. e Trad. J. Silva Melo). Lisboa: Assírio e Alvim.
- MILLÁS, Juan José (2011). *Articuentos Completos*. Barcelona: Seix Barral.
- PRÉVERT, Jacques (1948). “Soyez polis” in *Histoires*. Paris: Éditions Le prés aux clercs.
- TOMEIO, Javier (2012). *Cuentos Completos*. Madrid: Páginas de Espuma.
- VOLTAIRE, François Marie (1995). Avouet. *Micromégas. L'ingénu* (dir. Marie Helène Prat). Paris: Classiques Bordas.

Internet:

- LAFONT, René, TOULLEC, Jean-Yves (s.d). « Les insectes, un succès de l'évotution » in *Encyclopaedia Universalis*. Disponível em: <http://www.universalis.fr/encyclopedie/insectes/1-les-insectes-un-succes-de-l-evolution/>

- MILLÁS, Juan José (2008). “Biografía de una mosca”, *El País*. Disponível em: http://elpais.com/diario/2008/08/03/eps/1217744810_850215.html
- Entrevista a Juan José Millás (2012). RTVE, Programa *Página 2*. Disponível em: <http://www.rtve.es/alacarta/videos/pagina-2/pagina-2-juan-jose-millas/1285302/>
- Entrevista a Javier Tomeo (2012). *El País*. Disponível em: http://cultura.elpais.com/cultura/2012/11/21/actualidad/1353522477_597259.html
- Entrevista a Julia Kristeva: *Kristeva on Artaud* (1996). "100 YEARS OF CRUELTY". Sidney. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=NVHUXH768Zc>
- Irina Quartet (2012). “El vuelo del moscardón”, RIMSKY KORSAKOV (1899-1900). Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=gWZzga3Faz4>

Notas:

-
- ⁱ Referimo-nos ao símile que utiliza numa entrevista que deu ao *El País* de 21.11.2012. Cf. bibliografia.
- ⁱⁱ Entrevista realizada para o programa de livros, “Página 2”, aquando da saída a lume de *Articuentos Completos*. Cf. bibliografia.
- ⁱⁱⁱ Entenda-se por “lirismos” a carga conotativa que as personagens carregam em si, a sua capacidade de transmissão de uma mensagem para além da aparência sensível das coisas. Utilizamos o advérbio, “aparentemente”, porque, como veremos adiante, será possível fazer uma série de inferências que estarão mais conectadas com a realidade dos homens do que com a realidade das moscas ou das formigas. Contudo, esta possibilidade não é visível numa primeira leitura marcada pela ingenuidade, ao contrário do que ocorre, por exemplo, em obras como *Les Mouches* (1943), de Sartre, ou *Lord of the flies* (1954), de William Golding, onde ela é anunciada precisamente pelo afastamento entre o conteúdo das obras e a realidade objetiva enunciada nos títulos.
- ^{iv} Publicada no jornal *El País* de 03.08.2008. Cf. bibliografia.
- ^v Referimo-nos às obras *As viagens de Gulliver* e *Micromégas*, respetivamente.
- ^{vi} O conselho lembra-nos o de Micromégas, de Voltaire, para o outro gigante (mais pequeno do que ele e, por isso, visto como um anão) que o acompanha na viagem pela Terra. Transcrevemos aqui um breve excerto: “Le nain, qui jugeait quelquefois un peu trop vite, décida d’abord qu’il n’y avait personne sur la Terre. Sa première raison était qu’il n’avait vu personne. Micromégas lui fit sentir poliment que c’était raisonner assez mal : Car, disait-il, vous ne voyez pas avec vos petits yeux certaines étoiles de la cinquantième grandeur que j’aperçois très distinctement ; concluez-vous de là que ces étoiles n’existent pas ? – Mais, dit le nain, j’ai bien tâté. – Mais, répondit l’autre, vous avez mal senti.” (Voltaire, op. cit. pp. 18-19)
- ^{vii} TOMEO, Javier, op. cit., pp. 506-507.
- ^{viii} Este recurso narrativo é comum em Tomeo. Lembremos a esse respeito *El cazador de leones* (1987).
- ^{ix} Javier Tomeo é licenciado em Direito e em Criminologia pela Universidade de Barcelona.
- ^x TOMEO, Javier. op. Cit., pp. 812-813.
- ^{xi} Aludimos a “El vuelo del moscardón”, um interlúdio orquestral da ópera *El Cuento del zar Saltán*.
- ^{xii} O caráter trágico da cena desaparece se interpretarmos a morte do marido como mais um acontecimento positivo a somar àqueles vívidos nas últimas horas pela mulher alcoólica que supomos infeliz.
- ^{xiii} Entendamos aqui o termo apenas no sentido que comumente se lhe atribui.
- ^{xiv} Referimo-nos à seguinte greguería de Ramón Gómez de la Serna: “¿Y si las hormigas fueran los marcianos instalados en la Tierra?”
- ^{xv} PRÉVERT, Jacques (1948). “Soyez polis” in *Histoires*. Paris: Éditions Le prés aux clercs.
- ^{xvi} Lembra-nos a formiga da fábula retomada de Fedro por La Fontaine, “La Mouche et la Fourmi”, argumentado contra a mosca libertina que diz frequentar os palácios.
- ^{xvii} Nova alusão à obra de Voltaire, *Micromégas*.
- ^{xviii} Em “La Hormiga (1)” já tinha dado provas dessa erudição ao citar a Bíblia e Esopo.
- ^{xix} MILLÁS, Juan José, op.cit., pp.529-530.
- ^{xx} Aludimos ao conto “Las Manos”, da obra que tem vindo a ser citada.
- ^{xxi} Veja-se a este respeito o que diz Julia Kristeva no festival de Sidney “100 years of cruelty”, em 2006.
- ^{xxii} TOMEO, Javier, op. cit., pp. 265-266
- ^{xxiii} BATAILLE, Georges (2007). *O Ânus Solar*. Lisboa: Assírio e Alvim, p. 107.